ANO 32.º — Sábado, 19 de Agosto de 1939 — N.º 1590

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

O princípio duma orgânica

Unidade social e nacional do movimento

O regionalista é sempre um patriota, visto que patriotismo é o amor entranhado ao solo, pobre ou rico, onde vemos, primeiro, a luz do dia e aonde nos prendem os sentimentos mais caros.

O *Regionalismo*, como elemento descentralizador de energias, não pode, portanto, quebrar a *unidade espiritual*, social e nacional, que o País representa. E não pareça que há aqui uma contradição de ideias. Descentralizar, compreende-se, não pode ser a fragmentação sistemática e sem finalidades plausíveis do poder e do comando supremo da Nação. O que é preciso é que êsse poder e êsse comando sejam justos, humanos e não representem a brutalidade, o despotismo, a irresponsabilidade arbitrária.

Arbitrariedade não quere jàmais significar, não representará nunca, a *unidade espiritual*. Esta não deve ser *imposta*, partindo de cima, burocràticamente, lá do vértice, espalhando os seus tentáculos, em divisões e subdivisões sucessivas, até se espalhar pela base, englobando-a totalmente. Isso é unidade também. Mas é uma unidade cesaresca, transitória e de eficácia duvidosa. Fina-se com o seu autor, com a dispersão da fôrça que lhe deu origem, ou com as circunstâncias precárias, momentâneas, particulares, que a justificaram em dada altura.

A unidade que o Regionalismo pretende é, ao contrário, uma unidade estável, permanente e justa, uma unidade superior à venalidade dos homens, que faça erguer, da base ao vértice, em escalões graduais, cada vez de horizontes mais largos, os valores que surjam e se evidenciem dentro dos quadros económico-sociais que, ascensivamente, vão, passando pela nossa vista, desde a Família, à Localidade, ao Município, à Região, e até ao supremo comando directivo dos poderes coordenadores. Unidade constituída pela junção do vário na mesma tela; pela harmonia das partes; pelo máximo amparo e desenvolvimento das características morais, etnográficas, sociais e económicas, e pelo carinho havido para com as necessidades materiais e intelectuais de cada região, melhor direi — do povo de cada região. Em resumo: a unidade espiritual do *Regionalismo*, em moldes sociais e nacionais, seja, em regalias económicas e satisfações vitais, pode representar-se por esta fórmula — *diversidade na unidade*.

Na verdade, se o *fim último* das actividades sociais é, em tôda a parte, o Homem, os meios com que se atinge êsse fim, ou, pelo menos, com que se pretende atingi-lo, variam absolutamente com as condições mesológicas, geográficas, geológicas, climáticas e até antropológicas do ambiente. Sem entrar em detalhes, à laia de resumo, basta percorrer com o pensamento o *modus vivendi* próprio do homem de cada região do país. A vida agreste de Trás-os-Montes; o mimo de verdura que é o Minho; a região vinícola do vale do Douro; a beleza incomparável das nossas cidades marítimas, vistas na sua dupla faceta de pesca, sal, conservas e higiénico-sanitária, cidades como: Viana do Castelo, Espinho, Aveiro, Figueira da Foz, Estoril, Setúbal, Lagos, não falando noutras muitas de menor importância; as Beiras de características tão particulares, desde as neves das serras à indústria hidro-motriz, até aos pinhais e matagais ou às baixas planícies agrícolas; as lesírias do Ribatejo, as suas campinas vinhateiras e as suas *pampas* onde relincha o nobre cavalo e pasce o valente boi; os vastíssimos descampados alentejanos, reclamando a emigração temporária da população beiroa no tempo das ceifas; o florido alacre, galreador do Algarve; o aspecto da Marinha Grande, da Covilhã, de S. Domingos, Aljustrel, Panasqueira, etc., onde a indústria, por condições do solo e do sub-solo, imprime um carácter industrial ao Homem, eis, a largos traços, descoloridamente, a grande, a enorme diversidade que se combina para formar a unidade dum dos mais belos países do globo.

A unidade formada por tão evidente diversidade é, além de tudo, um facto necessário. Se *Regionalismo* quizesse dizer separatismo perdia o significado, sobretudo por enfraquecimento e por *carência*. Cada região é um órgão, não é um corpo. E não consta que um órgão possa viver sem o impulso do corpo ou separado da sua coordenação vital. A unidade impõe-se tanto mais quanto ela significa, no *Regionalismo*, dispersão de energias para desenvolvimento do País inteiro, através de cada uma das regiões e, nestas, dos municípios, das localidades, das famílias, da própria Pessoa Humana, que é o fim de todo o labor do Estado.

O movimento regionalista português é, pois, um movimento de *unidade espiritual* em moldes sociais e nacionais e tem por objectivo o engrandecimento equitativo de todos os recantos portugueses. Não se confunde com *bairrismo*. Enquanto o bairrismo cria o ódio e provoca malquerenças entre os habitantes de terras diferentes, o *Regionalismo* leva êsses mesmos habitantes a confraternizar, apaixona-os pelas belezas especiais das regiões em que não vivem, contribuindo assim para o conhecimento integral do País. Estimula o gôsto pelas viagens e pelas excursões ao ar livre, excursões que não tendam para a embriaguez e para outros vícios perniciosos de conseqüências funéreas, material e moralmente. Além disso, pondo o progresso de cada terra na dependência da vontade dos seus naturais, é incentivo para avivar energias e conformar o que se faz num lado com o que se faz noutro...

O *Regionalismo* surge, dêsse modo, como um factor de *vontade* e um disciplinador de inteligências, obrigando, pelo interêsse, cada um a integrar-se nas fôrças activas da sua localidade, na mira de se tornar cada vez mais digno e mais Homem, em si mesmo, sem coacções, sem vilipêndios e sem adulações — livremente.

* * *

Em determinado sentido, o *Regionalismo* é a liberdade da *Pessoa Humana*, a integração do Homem em si mesmo, como ente responsável. Com o seu advento findará aquele aspecto de *tutoria* mental havido para com o povo, aspecto deprimente, que os nossos estadistas hão herdado, uns dos outros, desde alguns séculos atrás...

Se *Regionalismo* é sinónimo de liberdade, esta não passa de responsabilidade. País onde reine, absoluta, a responsabilidade pode afirmar-se que é um País progressivo, civilizado, um País unido para o mesmo fim social, nacional e humano, condicionado por uma economia florescente. Daí resulta imediatamente a *unidade espiritual* da Nação que se há-de reflectir na arte, nas ciências, nas letras, na política e no amor.

JORGE VERNEX

Êste número foi visado pela Censura

Efemérides

19 de Agosto

1818 — Fernandes Tomaz e Silva Carvalho formam com Ferreira Borges e outros a primeira sociedade secreta, núcleo da revolução de 1820, a fim de mandarem vir do estrangeiro jornais e livros para ilustrar o povo.

1908 — Grande rebuliço durante a sessão noturna da Câmara dos Deputados, onde o dr. João Pinto dos Santos agride o ex-ministro Martins de Carvalho.

1909 — O dr. Magalhães Lima é condenado no Tribunal da Boa Hora, em Lisboa, por delito de imprensa, a 50$000 reis de multa, custas e selos do processo.

A' Junta Autónoma

O mau cheiro que os canais da ria exalam na maré baixa, quando fica a descoberto a lama e quanta porcaria existe no fundo, está a adensar-se de tal maneira, principalmente no centro da cidade, que julgamos dever nosso pedir providências em nome da higiene, da decencia e da terra onde tanta gente vem nesta época atraída pelos encantos do seu vasto estuário, pela frescura do seu clima, pela belêsa das suas tricanas.

E não dizemos mais visto confiarmos em demasia no presidente dêsse organismo, o nosso velho amigo tenente-coronel Gaspar Ferreira.

A Banda de Infantaria 19

despede-se hoje do público aveirense, tocando no Jardim das 21 às 23 horas

Realiza logo à noite o seu último concerto a banda regimental, que, a seguir, será dada por incapaz, dissolvendo-se, conforme determinação das instâncias superiores.

Vão cumprir se, portanto, os fados. Deixa Aveiro, que tanto aprecia a música, de possuir um elenco valioso não só pelos elementos que o compunham, mas também pela alta competência de quem o chefiava — o sr. tenente João Pereira dos Santos.

Com mágoa traçamos estas linhas. Sofre a arte musical um profundo revês na nossa terra que assim se vê privada dum agradável passa-tempo e dum recreio espiritual que, por antigo, não se desvanecerá fàcilmente. Além disso a Banda do 19, sob a chefia do sr. tenente Pereira dos Santos, tinha conquistado fama, adquirido tantos prosélitos que os aplausos do público eram constantes, freqüentes, sinceros e às vezes calorosos. De lamentar é, pois, o que se passa. Mas como os fados têm de se cumprir, resta-nos aproveitar o ensejo da despedida para prestar à Banda as nossas homenagens e ao seu digno chefe aquela prova de simpatia pelos seus méritos de que há muito vem sendo merecedor.

Imprensa regionalista

O *Diário de Coimbra*, transcrevendo a nossa última local sôbre a Imprensa Regionalista diz que lhe parece razoável a ideia que apresentamos sôbre a maneira de agir para a criação dum organismo próprio e lembra a nomeação duma comissão a-fim-de iniciar os trabalhos indispensáveis.

Muito bem. Nêsse caso poderá a comissão ser constituída pelos colegas de Coimbra, donde partirá o movimento, devendo desde já contar com o nosso incondicional apoio.

Coimbra é a terceira cidade do país e pela sua centralização entendemos que deve ser lá a reünião magna e bem assim a séde da Associação para a qual todos somos obrigados a trabalhar afincadamente.

Mãos à obra, pois, e sem perda de tempo.

À CAMARA

A falta de limpeza no bairro Aires Barbosa, à entrada da cidade, levou alguns dos seus moradores a pedirem providências por intermédio do nosso jornal.

Realmente não faz sentido que as valetas daquelas ruas estejam sempre a trasbordar de águas mal cheirosas. Não vêem isso os encarregados da limpeza?

Que falta de cuidado!

Organização da lavoura

E' àmanhã, às 15 horas, que tem logar na vila de Anadia uma grande reünião para tratar da integração da lavoura no corporativismo, devendo presidir o sr. Ministro da Agricultura.

Sabemos que o concelho de Aveiro se fará representar condignamente, indo à Bairrada muitos interessados a convite do chefe do distrito.

Excursões

Continua a registar-se a passagem por esta cidade de grande número de visitantes que utilizam para os seus passeios camionetes e automóveis, alguns com legendas curiosas, indicando a qualidade dos grupos.

Esta, como exemplo: *Milionários por três dias.*

Como piada aos ricos, que só pensam em aferrulhar dinheiro, tem espírito.

* * *

O pessoal da Fábrica Aleluia, que tanto honra a nossa terra, realiza àmanhã o seu 6.º passeio anual com o seguinte itinerário: Coimbra, Leiria, Batalha, Tomar, Santarém, Lisboa (dois dias de permanência), Mafra, Ericeira, Caldas da Rainha, Alcobaça, Nazareth, Figueira da Foz e Aveiro.

O trajecto é feito de camionete, devendo os excursionistas estarem de volta na próxima quarta-feira à noite.

Á MEMÓRIA DE JOSÉ ESTÊVAO

Cincoenta anos depois da inauguração da sua estátua

Foi simples a homenagem que, todavia, serviu de pretexto para não deixar esquecer um grande vulto da nossa terra com nome em todo o país.

Meio século decorrido sôbre a inauguração da estátua de José Estêvão no antigo Largo Municipal, que também se chamou Largo da Cadeia e hoje é a Praça da Rèpublica, deu ensejo a que o sr. Eduardo Cerqueira, a quem louvamos, organizasse uma exposição bibliográfica muito interessante na sala *fantesia* da extinta Associação Comercial, onde apareceram manuscritos, jornais, fotografias e outras curiosidades sempre apreciáveis e de altíssimo valôr para os que não vivem só do pão... Depois, o sr. dr. António Cristo, advogado na comarca, falou. Mas a-pezar duma banda de música ter prèviamente percorrido as ruas da cidade, tocando o seu hino, o número de ouvintes à sua anunciada conferência, foi escasso. Nem admira. José Estêvão já morreu há tantos anos! E os mortos esquecem depressa... Mas ainda assim se juntaram umas duzias de pessoas que escutaram com atenção o conferente, presidindo à assembleia o sr. Governador Civil, rodeado pelas sr.as D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães e D. Maria Joana de Lemos Magalhães, respectivamente, nora e neta do glorioso tribuno; e os srs. dr. Lourenço Peixinho, coronel Nobre de Figueiredo, tenente-coronel Gaspar Ferreira, coronel Teodorico dos Santos, capitão Quina Domingues, dr. Euclides de Araújo e engenheiro Almeida Graça.

Tanto o sr. Eduardo Cerqueira, que fez algumas considerações prévias, como o sr. dr. António Cristo conseguiram interessar a assistência pelo que receberam no final das suas prelecções, merecidas palmas.

General Correia Barreto

Com 85 anos de idade faleceu na terça-feira, em Sintra, o ilustre oficial do exército António Xavier Correia Barreto, que foi o primeiro ministro da Guerra da Rèpública e uma figura de alto prestígio dentro do actual regímen.

A sua carreira militar e científica ficou assinalada por constantes triunfos, sendo um dos maiores a invenção da *pólvora sem fumo*, que ainda hoje suplanta todas as outras.

O general Correia Barreto, cujo nome era dos mais respeitados, estava serenamente no seu pôsto de presidente do Senado quando, após a vitória do movimento de 28 de Maio de 1926, uma deputação de oficiais entrou no edifício do Parlamento para o encerrar. Tratado com a maior deferência convidaram-no a abandonar o palácio. Então o brioso general mandou buscar o chapeu e a pequena bengala com que sempre andava, dirigiu-se para o átrio onde, comovidamente, se despediu de muitos dos seus correligionários, desceu a escada, recebendo o último *apresentar armas* da sentinela e tomou um carro para a sua residência. Abandonara, nesse momento, tôda a actividade política para se entregar exclusivamente aos seus afectos familiares.

Inclinamo-nos deante dos restos mortais daquele que, com o maior entusiasmo, antes do 5 de outubro, e depois da proclamação da Rèpública, tão dignamente a serviu.

Miradouro de Almear

Um grupo de amigos tenciona ir àmanhã em companhia do sr. engenheiro Almeida Graça apreciar a transformação por que ùltimamente passou a antiga Varanda de Pilatos, que é um dos sítios mais pitorescos das cercanias de Aveiro.

Como também o jornal se fará representar, diremos algo.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal — AVEIRO

Sôbre estátuas

Um decreto, recentemente publicado, determina que, daqui em diante, não possam homenagear-se, por meio de estátua em lugar público, indivíduos cuja morte se tenha verificado há menos de 50 anos.

Lá se foi a ideia do *Haff de Aveiro* por água abaixo!...

IMPRENSA

«O MUNDO PORTUGUÊS»

Mais um número nos chegou desta revista em que abunda escolhida colaboração e uma série de gravuras muito apreciável, mostrando-nos vários aspectos de Macau — a Rua da Felicidade, a Avenida Almeida Ribeiro, as ruínas da igreja de S. Paulo, um pôr do sol, etc., etc.

A edição, que é esmerada, pertence à Agência Geral das Colónias com a colaboração do Secretariado de Propaganda Nacional.

«REVISTA DOS CENTENÁRIOS»

Também recebemos o n.º 7 desta publicação mensal, ùnicamente dedicada às comemorações em projecto para o próximo ano.

É orgão da Comissão Executiva das mesmas.

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

O exagêro do preço dos medicamentos

apreciado por um profissional e por um médico, que também se pronunciu sôbre o mais que lhe anda à volta

O assunto é de palpitante interesse e por isso vêm a propósito as linhas que lhe dedica o *Jornal da Tarde*, diário que, como noticiámos, há pouco apareceu em Lisboa e que para explicar as razões por que se vendem por preços exorbitantes os medicamentos especialisados, similares aos usados nos tempos em que os médicos receitavam para *aviar na botica*, ouviu o sr. Adolfo Teixeira, figura de prestígio dentro da sua classe, antigo presidente da Sociedade Farmacêutica Lusitana e representante de Portugal aos congressos Internacional Farmacêutico da Haia, em 1927, e de Espanha, em 1930, que dêste modo respondeu às preguntas formuladas:

—São necessárias as especialidades farmacêuticas? Justificam-se os preços por que são vendidas ao público?

— A maior parte das especialidades são substituíveis por medicamentos formulados pelos médicos, que ficariam, de um modo geral, pela terça parte do preço por que se vendem quando especialisados.

—Como?!

—Muito fàcilmente. Nada como os exemplos para se fazer boa prova. Ora, vejamos, ao acaso, alguns preços de especialidades farmacêuticas estrangeiras e de medicamentos análogos: salicilato de sódio Clin, como especialidade, vende-se a frasco por 28$00, e manipulado em qualquer farmácia, ficaria por 9$50; o xarope de seiva de pinheiro Lagasse, preparado nos laboratórios, é vendido por 25$00, e manipulado na farmácia custa 10$70; santeose, em especialidade, está a vender-se a caixa de 24 hóstias por 25$00, o mesmo medicamento preparado na farmácia custa ao público 12$00; um tubo de 20 capsulas de apiolina Chapoteaut, como especialidade, vende-se por 35$00, manipulado por nós fica ao público por 12$00; e, para não citar mais, basta dizer que um frasco de Cola Astier, preparado no laboratório, vende-se por 29$00, manipulado nas farmácias, o seu preço não vai além de 4$00!

—E as especialidades nacionais?

—Citarei duas ao acaso. Por exemplo: Tonocaleio, que é uma especialidade banalíssima, saluto de cloreto de cálcio a 50 por cento, é vendido, especialisado, a 12$00, e manipulado na farmácia a 4$80; os Sais de Fruto, tão usados, quando em especialidade, vende-se por 16$00 o frasco, preparado nas farmácias custa, o máximo, de 7$00!

—As especialidades nacionais são inferiores às estrangeiras?

—Infelizmente, e apesar-de tudo, as nossas especialidades são, na sua totalidade, simples imitações das que se preparam lá fóra. E quando não são imitações, não passam de simples *banalidades*, sem valor científico algum. Os médicos têm obrigação de saber isto, mas...

—Receitam-nas?

—Por comodidade. Os médicos estudam nas escolas as propriedades dos diferentes medicamentos e a forma rigorosamente exacta de os aplicar aos diferentes doentes, mas vêm para a vida prática e a propaganda intensa dos laboratórios domina-os inteiramente e—com prejuízo para o público e para as farmácias—esquecem-se dos formulários.

—Tôdas as especialidades são substituíveis?

—Há especialidades de real valor, que são absolutamente insubstituíveis, como sejam os arsenobenzois, opoterápicos, vacinas, soros e poucos mais. Contra estas especialidades nunca se levantou celeuma. Somos contra as especialidades que o público paga por preços exorbitantes, cêrca de 300 por cento mais caras que os medicamentos similares manipulados nas farmácias. Ao defendermos os medicamentos que manipulamos, implìcitamente defendemos o público. Os exemplos estão à vista. Não tememos a controversia, antes a desejamos.

Assim falou, com desassombro e altivez, o sr. Adolfo Teixeira depois de declarar que, embora o não fizesse em nome da classe, tinha a aplaudi-lo todos os colegas por, nêste particular, serem comuns os pontos de vista. E é verdade. Mas como o assunto tem várias facêtas por onde pode ser encarado, o *Jornal da Tarde*, ouvindo também a opinião do sr. dr. João Carlos Celestino Gomes, médico da C. P. e da Direcção Geral de Saúde Escolar, colheu dêle o que passamos a reproduzir:

— Esse problema é cada vez mais complicado, à medida que a avalanche se avoluma. Já um médico pensou em publicar um ficheiro das especialidades farmacêuticas, tantas elas são, para caberem na memória mais afinada. Mas é evidente que ninguém pode dizer serem escusadas todas as especialidades. No actual estado do progresso da ciência médica, pelo menos as de urgência e certos produtos impossíveis de preparar numa farmácia vulgar, com a sua aparelhagem usual, mesmo muito aperfeiçoada e completa, são imprescindíveis. Daí, porém, a todos êsses produtos, tantos sem interêsse nem garantia, quanta diferença!

Os sábios ao serviço dos Laboratórios

—É certo—continua o dr. Celestino Gomes — que para tantos dêsses produtos, brigadas de verdadeiros sábios estudam continuamente fórmulas cada vez mais eficazes. Mas também é certo que em tempo nenhum os estudiosos deixaram de trabalhar em benefício do seu semelhante, pondo ao alcance de todos—mas em formulários e em livros de terapeutica, manuais técnicos — não só as fórmulas obtidas mas ainda, e melhor, as razões circunstanciadas do seu emprêgo. Pasteur não trabalhou por conta de nenhuma empreza comercial.

Especialidades em série

—Do estudo dos sábios resultou a vantagem do emprêgo das especialidades?

— Vamos por partes. Suponho, e neste sentido já escrevi para o público, que, no actual estado da medicina, nenhum médico consciencioso pode fazer tratamentos em série, iguais para todos os *doentes da mesma doença*. Os indivíduos reagem diferentemente segundo o seu bio-tipo, segundo as próprias condições climatéricas e metereológicas do meio em que vivem. E', portanto, erróneo considerar cada um como doente-padrão para casos de idêntico diagnóstico. Ora as especialidades farmaceuticas colocam o médico nesta posição desagradável da terapeutica em série. Com a antiga fórmula pessoal, tantas vezes modificada, adaptada pela experiência profissional ao meio onde o clínico trabalha, às necessidades dos indivíduos a tratar — evidentemente mais bem definidas quando o médico conhece desde longa data o doente e o conhece mesmo durante as suas épocas de saúde — o clínico não abdica da sua ciência e da sua «arte» pessoal, contribue com os seus conhecimentos farmacológicos e pode actuar até com maior sugestão, indispensável como adjuvante do tratamento. Ainda hoje, como nas idades primitivas, sem fé ninguém se cura.

Utilidades e desvantagens das especialidades farmacêuticas

— As especialidades, exclu indo aquelas que são, como há pouco V. Ex.ª disse, imprescindíveis, têm alguma vantagem sôbre medicamentos análogos manipulados nas farmácias?

— Afirma-se que a principal vantagem das especialidades está na garantia da fabricação, dado que tantas vezes o farmaceutico falha à letra da fórmula, substituindo, deixando de empregar ou preparando mal a fórmula que se lhe envia. Isto é o que se diz. Mas, se como pode haver deshonestidade e na cupidês humana, podemos acreditar numa falta de integridade *profissional*, não podemos acreditar menos na falta de honestidade, apenas industrial, do proprietário ou dos manipuladores do laboratório.

Os preços das especialidades

— E sôbre os preços dos medicamentos especializados?

— Nem é bom falar nisso. O desiquilíbrio de preços é enorme, fatalmente encarecidos pela apresentação em produto especializado. Os embalagens, as prolixas explicações impressas que as acompanham — não só inúteis como prejudiciais ao doente e ao médico — as despezas que, por fora, oneram terrìvelmente o produto, provam exuberantemente o encarecimento da unidade de venda. A' vantagem de *já estar feito* e o *que já tomou* e com cujo estado mórbido lògicamente se compara — o que tantas vezes o desanima!

tanto, de esperar, opõe-se o facto do doente conhecer quási sempre o outro doente *que já tomou* e com cujo estado mórbido lògicamente se compara — o que tantas vezes o desanima!

As especialidades, os farmaceuticos e os droguistas

— Medicando-se os doentes a si próprios como V. Ex.ª acabá de afirmar, parece-nos não serem necessários os farmaceuticos...

— Não ironize assunto tão grave. Com o incremento das especialidades farmaceuticas e o seu uso quási exclusivo na clínica cotidiana, deu-se êste facto insólito e muito injusto: o farmaceutico, ao passo que o Estado o elevou sucessivamente de boticário a licenciado em Farmácia, exigindo-lhe a responsabilidade técnica à frente de cada estabelecimento, é equiparado ao homem da drogaria que pinta portas e betuma soalhos nas horas vagas. Um e outro são procurados com o mesmo fim, e o dr guista da conselhos terapeuticos como o farmaceutico, ambos cada vez com que competência! Nem os pobres unguentos lhe deixaram, que até aí chegaram as especialidades!

Os laboratórios receitam por intermédio dos jornais, da T. S. F. e dos analfabetos da medicina

— Falámos no caso dos farmaceuticos mas atigura-se-me que até certo ponto êle diz respeito aos médicos, visto muitos doentes medicarem-se por sua conta.

O sr. dr. João Carlos Celestino Gomes, atalha, de pronto:

—Esse ponto é tão melindroso pela sua gravidade, comprovada por casos fatais, que o podemos conside ar «cavalo de batalha» no capítulo de propaganda das especialidades farmaceuticas. Os laboratórios receitam continuamente (sem horas de consulta) não só nos jornais mas ainda por intermédio dos curandeiros, das drogarias, das telefonias, das próprias pessoas, analfabetas de medicina, que não se esquecem do palavrão que não diz nada a maior parte das vezes, mas que é o suficiente para identificar o produto *que faz bem*. E não capítulo do «que faz bem» eu arranjava-lhe já dados para tôda uma história humorística. Basta contar-lhe um caso: quando eu fazia clínica no Ribatejo, em certa ocasião empreguei determinado produto injectável, uma especialidade, está-se a vêr, como recurso que resultou, dizia tôda a gente em redor, um verdadeiro milagre. Daí em diante, todo-o-mundo passou a exigir, como as crianças a Emulsão de Scott (frase que consagrou outra especialidade... dispensável), a mesma injecção, fôsse qual fôsse a doença!... Já vê o que podem ser *casos de doença, iguais*, visto por quem não sabe o que isso é...

Como se verifica, o sr. dr. João Carlos Celestino Gomes, que é natural, ali, da proxima vila de Ilhavo, navega nas mesmas águas do que consideram as especialidades farmaceuticas um escalracho que só desvaloriza a medicina, comprometendo-a grandemente, além de contribuir para o desiquilíbrio financeiro dos que, por infelicidade, adoecem. Isto, porém, não é tudo. Há mais e nessa conformidade, prosseguiremos.

Visitai o Parque da cidade

Secção Desportiva

«Taça Aveiro»

Tendo sido instituída para ser disputada durante as regatas internacionais da Figueira da Foz entre as *équipes* do *Clube dos Galitos* e da *Associação Naval 1.º de Maio*, daquela cidade, coube a vitória aos remadores aveirenses, que ficaram detentores dela definitivamente.

A disputa foi em *yolles de mer* a quatro remos, vencendo os *Galitos* por cinco comprimentos e gastando no percurso, que era de 2.000 metros, 7,8 minutos.

Da *équipe* aveirense faziam parte José Vélhinho, Carlos Gamelas, Manuel de Matos, Baltazar Loforte e Francelino Costa.

Com as nossas felicitações à Secção Náutica e ao *Clube dos Galitos*, muito estimamos que, em futuras competições desta interessante e salutar modalidade, Aveiro continue a brilhar.

REPAROS

—o—

Dizem-nos de Esgueira que, no domingo, houve ali, à hora da missa, grande borborinho em virtude dum rapaz, acometido dum ataque dentro da igreja, não ser tratado pelo páraco da freguesia com aquele carinho a que tinha jus.

Modos de interpretar as coisas...

Rancho Regional

Foi no domingo à Curia tomar parte num festival que naquela estância se realizou, o rancho da nossa terra, que recebeu fartos aplausos.

O Rancho Regional, hàbilmente ensaiado por Firmino Costa, anda agora em negociações para ainda êste mês se deslocar a Espinho e para Setembro à Vila do Conde, onde se efectuam as festas anuais que ali costumam atrair milhares de forasteiros.

E' uma honra.

CARTA DE LISBOA

17 de Agosto de 1939

Ontem e hoje

Antigamente falar do Barreiro, a linda e próspera vila do sul do Tejo, era evocar páginas da maior agitação política e social, era recordar cênas revolucionárias, balburdias sanguinolentas em que a laboriosa povoação costumava ter sempre um papel a alta preponderância.

Passou o tempo e com o advento da Revolução Nacional todo o país mudou de vida e o Barreiro teve de seguir a esteira geral.

Muita gente pensou que a população sa vila se não aclimataria à nova Ordem, que continuaria a terra desordeira e balburdienta.

Puro engano êsse foi!

O Barreiro, despojado dos agitadores e «*meneurs*» que o traziam na pior e mais nociva desorientação, passou a ser uma terra progressiva, ordeira e sempre pronta a servir o movimento de patriótica renovação, levado a cabo pela Revolução Nacional.

Viu-se, então, que a população revolucionária e barulhenta mais não era que uma gente mal orientada, que, posta a bom caminho e enquadrada como devia ser, prestaria ao país serviços dos melhores e mais patrióticos.

Gente trabalhadora e boa, os barreirenses e todos quantos vivem na linda e importante vila, têm prestado ao Estado Novo e aos princípios que o informam os mais relevantes serviços.

E' assim que hoje a vida sul-tejana é um dos mais importantes baluartes da nova Ordem Corporativa.

Ainda há dias, na recepção dispensada aos srs. ministro da Educação Nacional e Sub-secretário das Obras Públicas, que ali foram lançar a primeira pedra para o edifício duma nova escola, o Barreiro soube e pôde afirmar o seu patriótico entusiasmo pelos princípios da Revolução Nacional, a sua devoção pelas figuras de Carmona e Salazar.

Protegendo o trabalho

O Govêrno pôs agora em Orçamento a importante verba de 240 contos para a concessão de prémios pela construção de barcos em estaleiros nacionais.

Trata-se duma medida meritória e do mais alto intesesse que, tendo em vista proteger o trabalho nacional muito e muito pode contribuír para o bem-estar da grande massa operária do País.

Aljubarrota

A maneira como Lisboa comemorou a passagem de mais um aniversário da batalha de Aljubarrota; o entusiasmo patriótico posto nas simples mas significativas festas, dão claramente a nota de que o espírito admirável de Aljubarrota, que animou o Mestre de Aviz e Nuno Alvares e levou os portugueses à vitória, está hoje, como esteve sempre, vivo e ardente nos peitos lusitanos.

Viagem presidencial

Conhecem-se já pormenores da visita do sr. Presidente da República à Africa do Sul onde foi a convite de Sua Majestade o Rei Jorge VI.

O importante domínio britanico recebeu o sr. general Carmona com a maior solenidade, sob o mais vivo entusiasmo.

Para se poder fazer ideia do que foi a maneira como se recebeu ali o venerando Chefe do Estado basta que verifiquemos que as ornamentações da cidade de Pretória, capital da União Sul-Africana, fôram as mesmas que serviram para celebrar a coroação de Jorge VI.

O que equivale a dizer que tanto nas relações de amizade com a Inglaterra, como nas de boa visinhança com a União muito e muito deve pesar êste importânte e histórico acontecimento.

GIL DO SUL

A volta a Portugal

Passaram ontem ao meio dia por esta cidade os ciclistas da VIII Volta a Portugal, tendo-se juntado na Avenida e nas ruas de Viana do Castelo e Coimbra enorme multidão para os saúdar. Ia à frente o *Faisca*.

Doenças dos olhos

Suspenderam no dia 14 de Agosto as suas consultas no Hospital desta cidade, os abalisados clínicos srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, especializados em doenças dos olhos, o que levam ao conhecimento dos interessados.

Retomarão a clínica no dia 28 de Outubro.

O TEMPO

Previsão de 16 a 31 de Agosto

Oscilação barométrica geral—Continua a subir a pressão.

Em 19 inicia a subida, sensivelmente acentuada em 22, e, depois de uns dias de pequena oscilação, começa em 24 a nova subida.

Em 29 volta a descer.

Datas de novos ciclones—Em 16, 19, 22 e de 29 para 30.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 16, 19, 22, 25, 26 e de 29 para 30.

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo continue com tendência para chover até 20; de 20 a 27, por vezes ventoso e a partir de 27 com tendência para chover e de trovoadas.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos, em França, Inglaterra, Polónia, Alemanha, Itália, Turquia, China e América Central.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Oscilante, com tendência para descer, levemente, depois do dia 22.

Datas de maior sensibilidade—Em 18, 21 e de 28 para 29.

A. CARVALHO SERRA

De Aveiro à Figueira da Foz

em combóio especial

Efectuou-se domingo a anunciada excursão à Figueira da Foz, organizada pelo *Clube dos Galitos* e na qual tomaram parte perto de duzentas pessoas.

Na Pampilhosa aguardava a chegada dos aveirenses um outro combóio com excursionistas da Covilhã, que seguiram também para aquela praia onde todos foram recebidos com requintes de gentileza por parte da Câmara e das agremiações locais, cujos membros empunhavam os respectivos estandartes, e uma banda de música.

Após o desembarque formou-se um cortejo que se dirigiu aos Paços do Concelho onde no salão nobre se realizou uma sessão de bôas vindas a que presidiu o sr. dr. Rui Manuel Nogueira Ramos, da edilidade figueirense, que principiando por se congratular com a visita de aveirenses e covilhanenses, teve para com as duas terras palavras de apreço, terminando por dirigir a todos as suas saudações. Falaram depois o sr. José Duarte Simão, em nome do *Clube dos Galitos* e um representante da extinta Associação Comercial, que fôram breves, limitando-se a tecer elogios à encantadora praia e a agradecer as palavras do orador antecedente.

Antes do presidente da Câmara da Figueira da Foz encerrar a sessão, o sr. Joaquim Gonçalves de Carvalho, da Covilhã, também usou da palavra para, em nome da sua terra, agradecer o acolhimento que lhes dispensaram, terminando por afirmar que aquela praia é sempre a preferida dos covilhanenses.

Ao terminar a sessão ergueram-se vivas às três cidades que ali confraternizavam e em seguida todos retiraram, dirigindo-se a maior parte para a beira-mar onde a vista se estende, contemplando aquele panorama que se observa através a enseada de Buarcos com a sua casaria e as centenas de barracas armadas ao longo do extenso areal, oferecendo todo aquele conjunto um espectáculo maravilhoso.

Antes de principiar as regatas os excursionistas percorreram também algumas ruas da Figueira, deixando-os agradàvelmente impressionados o asseio e limpeza que se notava em tôdas elas, sem excluir as frontarias dos prédios.

São estas pequenas coisas que, parecendo que não, valem muito e transformam a fisionomia das terras.

O movimento, à noite, foi extraordinário. Entendemos, porém, que quando assim acontece a passagem dos veiculos devia ser feita por outras artérias, isto para completo socêgo dos passeantes.

O regresso do combóio excursionista fez-se à meia noite precisa, chegando à estação desta cidade, sem novidade, à 1 hora e 50 minutos de segunda-feira.

Música no Jardim

—o—

A Banda Regimental executa hoje, das 21 às 23 horas, o seguinte programa:

I PARTE

Aveirense	P. D.—*P. dos Santos*
Abertura Sinfón. n.º 4	*P. dos Santos*
Sinos de S. João da Madeira	Fant.—*Morais*
Mefistofele	Opera—*Boito*

II PARTE

Rap. de cantos pop. do Porto	*Morais*
Despedida	P. D.—*P. dos Santos*

Trincheira dum crente

Duas batalhas

A 4 de Agosto de 1578 e a 14 de Agosto de 1385, deram-se em Portugal dois factos guerreiros de capital interesse patriótico e nacional.

O primeiro foi a desgraçada batalha de Alcacer-Kibir, que nos trouxe a perda do rei e mais tarde, consequentemente, a perda da independência e da liberdade.

O segundo foi a inolvidável batalha de Aljubarrota, que consolidou definitivamente a nação portuguesa, e que lhe deu possibilidades de conquistar a Africa e de empreender a tarefa ingente da epopeia marítima das navegações e descobertas.

Dois acontecimentos de enorme relevo histórico, que se engastam tão fortemente no nosso património tradicional, que ainda hoje impressionam vivamente as imaginações.

Duas batalhas que apresentam dois contrastes simbólicos, duas atitudes mentais, duas posições patrióticas e militares.

Aljubarrota foi a vitória do génio militar, aliado ao mais formoso heroismo patriótico. Parte da nobreza, a burguesia e o povo, que sentiam dentro de si palpitar viva e possante, uma pátria já diferente do resto da Espanha, viram-se na dura necessidade de a defender heròicamente, com armas na mão. Dois grandes chefes militares, o Condestável e o Mestre de Aviz, além de outros destemidos capitães, prepararam com rara inteligência, a que se juntou a rara sorte, essa batalha que se tornou gigante e imortal pela desproporção de fôrças em movimento. O rei de Castela em pessoa, com a flôr da sua nobreza e do seu exército, em numero esmagador, invadiu Portugal.

Imediatamente entre nós cessam as hesitações e cal.m-se tôdas as vozes.

Nuno Alvares, místico, heroi e santo, cheio de juventude e de génio, com o poder profundo de reflexão, de pensamento e estudo, preparou nos plainos de Aljubarrota as condições da derrota de Castela. Ali revelou as suas grandes faculdades militares e a sua ciência de comando.

Ali com bravura e cuidados de defeza e ataque inegualáveis, o Condestável, o rei e os soldados de Portugal venceram o luzido exército Castelhano que desapareceu na mais trágica das debandadas.

Em Aljubarrota a inteligência, a lúcida previsão e as faculdades de comando, que souberam maravilhosamente aproveitar os acidentes do terreno e fazer frente às vagas alterosas da famosa cavalaria inimiga, com uma infantaria firme, heróica e inabalável, venceram o número e a quantidade que combatiam e batalhavam sem a verdadeira ordem táctica e estratégica.

* * *

O contraste com a batalha de Alcácer-Kibir, é flagrante e elucidativo. D. Sebastião era um bravo, um herói que morria devagar, mas não era um chefe, nem civil nem militar.

Faltavam-lhe a serenidade, a prudência, o juízo claro, a experiência e as centelhas de génio de Nuno Alvares.

A jornada de Alcácer-Kibir foi no fundo uma autêntica e infeliz aventura militar e nada mais.

A nação cançada e esgotada repudiava-a. Os capitães experimentados e que deram as suas provas na India manifestavam-se contra. Os responsáveis que ladeavam o rei advertiam-no e chamavam-no à reflexão. Mas D. Sebastião obstinado, mergulhado no seu temerário sonho de heroísmo e de desvairo, nada ouvia, nem queria ouvir.

Chegou a chamar a D. João de Mascarenhas, o célebre defensor de Diu, velho, tonto e cobarde! Tudo aconselhava o rei a desistir, ou então a preparar a emprêsa com as máximas probabilidades de êxito, mas foi impossível pois o rei a ninguém atendia, entricheirado na sua cegueira heróica.

Para definir e compreender bem a jornada de Alcácer-Kibir empreendida por D. Sebastião e pelo grupo de estouvados e companheiros de mocidade que o cercavam, além de outros significativos factos históricos, basta recordar, que transportava a bordo a corôa imperial de ouro com que tencionava depois da vitória, entrar em Fez e as ricas fardas para as cerimónias da coroação. O pregador Fernando da Silva já tinha o discurso elaborado e decorado para as majestosas solenidades a realizar.

Nos areais adustos da Africa o Conselho, que debateu o plano de batalha, era de opinião que se não abandonasse a costa, onde o exército em caso de necessidade, seria protegido pela esquadra e pelas fortalezas de Tanger e Arzila, a que D. Sebastião se opôs formalmente.

Embrenhado há sete dias pelos areais dentro, com um calor sufocante, espiado astutamente pelo mouro, o exército português travou a trágica batalha em circunstâncias inferiores de comando, de táctica e de ordenação militar.

A princípio ainda a vitória sorriu tal a bravura e o arranco do famoso tèrço dos aventureiros, mas um pânico que se estabeleceu, ainda hoje inexplicável para os historiadores, desmantelou por completo o exército, que se sumiu numa desordem inconcebível e afrontosa. A' batalha faltou a inteligência clarividente, previdente e organizadora de Nuno Alvares.

Outro teria sido, certamente, o seu resultado e quando o chefe mouro deitado na sua liteira, semi-morto agonizava!

J. Carreira

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, os srs. dr. José Vieira Gamelas, hábil clínico, e Fernando Bessa, professor na Fontinha (Agueda); àmanhã, os srs. capitão João Abel Rebocho Vaz e Agostinho Migueis Picado, ausente em Catumbela (Africa Ocidental) e a menina Cármen Aurélia de Melo Azevedo, filha ao sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira; no dia 21, o sr. Jeremias Vicente Ferreira e o filho Carlos, do sr. Luís Vicente Ferreira; em 22, a sr.ª D. Joana Virgínia Luiza da Rocha e Cunha Amorim de Lemos, esposa do sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, delegado do P. da República em Damão (India Portuguesa) e o sr. Artur Candeias; e em 23, o sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).

Gente nova

Em Coimbra teve o seu bom sucesso, dando à luz uma creança do sexo masculino, a sr.ª D. Irene da Conceição Estima Martins, esposa do sr. Antônio Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company daquela cidade.

Com os nossos parabéns aos pais do neófito, desejamos ao mesmo um futuro venturoso.

— Foi registado, segunda-feira, o filhinho da sr.ª D. Maria Avia de Melo Carvalho Fialho, professora de ensino particular, e de seu marido o sr. Vital Cordeiro Fialho, escriturário na Direcção de Estradas do Distrito.

Recebeu o nome de Jorge Vasco, tendo servido de padrinhos a avó materna, sr.ª D. Maria de Melo e Costa, professora oficial, e o sr. Pedro Vasco Colares Pinto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino, de Gouveia.

Partidas e Chegadas

Com curta demora esteve esta semana em Aveiro com sua esposa o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico, residente em Lisboa.

—Como de costume em igual época do ano, já se encontram nesta cidade a passar a estação calmosa os srs. Custódio Marques Pitarma e seu irmão Joaquim, importantes industriais de panificação, respectivamente em Sacavém e na capital.

—Também aqui veio passar alguns dias o sr. Marcelino Gonzalez Peña, empregado na fábrica Sapec, de Setubal.

—Estiveram igualmente entre nós os srs. Manuel Luís Coimbra Flamengo e Manuel da Silva, que em Lisbôa exercem a sua actividade.

—A passar as férias partiu, com sua esposa e filhos, para Viana do Castelo, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão.

—Para Serrinha (Figueiró) seguiu a nossa assinante D. Clara Génio da Silva.

— Do estrangeiro regressaram os irmãos António e João Ramos.

Praias e termas

Com sua família encontra-se desde segunda-feira a veranear na Costa Nova o sr. capitão Casimiro Marques, que chegou de Moçambique.

—Também está em Espinho o sr. Anselmo José Lopes Ferreira e para Entre-os-Rios partiu, no último sábado, o sr. Artur Lobo e esposa.

—Com sua esposa partiu ante-ontem para o Luso o nosso antigo assinante e amigo, sr. Luís dos Santos Veiga, que chegou do Congo Belga, adoentado, à sua casa de Verdemilho. Muito estimamos que, em breve, se veja livre dos achaques que tanto o têm atormentado.

Doentes

Nas Caldas das Taipas continua estacionário o estado da sr.ª D. Angélica Moreira Trindade, esposa do sr. João Trindade.

Correspondências

Nariz, 17

Como prèviamente se anunciou, teve logar no domingo a inauguração da luz pública nesta frèguesia, que, por isso, esteve em festa e recebeu a honrosa visita dos srs. governador civil do distrito, presidentes das Câmaras de Aveiro e Oliveira do Bairro, o vereador Carlos Aleluia e outras pessoas gradas, que propositadamente vieram comparticipar da alegria do povo por tão útil melhoramento.

Na sala da escola efectuou-se uma sessão comemorativa em que falaram os srs. professor Gelásio Rocha, Bernardino Seabra, dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara de Aveiro, e o chefe do distrito, tendo subido ao ar muitos foguetes e executado várias marchas durante as manifestações de regosijo a música da Vista Alegre para êsse fim convidada.

Houve também um *copo de água* oferecido pela Comissão à qual se deve o benefício de que nos estamos ocupando e Nariz agradece, nunca podendo esquecer a data em que pela vez primeira as ruas passaram a ser iluminadas, colocando a frèguesia no mesmo nível das que, há muito, usufruiem a excelente regalia.

Na nossa qualidade de humilde filho desta terra, cujo progresso desejamos para todos que nela vivem, aqui deixamos bem vincado o maior reconhecimento a que nos sentimos obrigados.

E.

Costa do Valado, 17

Na estrada de Mamodeiro deu-se na noite da última sexta-feira mais um desastre de automóvel, mas sem consequências graves, felizmente. O veículo, que era guiado pelo seu proprietário, sr. Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavém, mas actualmente na Costa Nova, perdera a direcção e de aí o estampar-se de encontro a um muro, sofrendo avarias. Do choque resultou ficarem feridos os srs. coronel Cunha e Costa, Pompeu Branco, funcionário da Câmara de Oliveira do Bairro, e Alberto Ferreira Barbosa que com o sr. Custódio Pitarma receberam curativo no hospital dessa cidade, onde se dirigiram.

—Consta-nos que o cinema ambulante de propaganda virá exibir alguns filmes no fim do mês.

C.

Esgueira, 16

O caminho que dá acesso ao esteiro precisa, com urgência, duma grande reparação. Se não lhe acudirem a tempo, chegando o inverno correrá risco de morrer afogado quem se atraver a atravessá-lo. Chegou ao último extremo e os prejuizos para a nossa economia serão, depois, avultados.

Providências, pois.

— A passar as férias encontra-se aqui o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Anselmo Taborda, juiz de Direito em Mafra.

—Faz anos na próxima quarta-feira a esposa do nosso amigo Américo Ramalho.

Felicitações.

C.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

CONCURSO

A Câmara Municipal do Concelho de Aveiro faz saber que, pelo prazo de trinta dias a contar da segunda publicação do presente anuncio no *Diário do Govêrno*, se acha aberto concurso para dois lugares de escriturários de 3.ª classe da sua Secretaria, lugares vagos pela promoção dos antigos serventuários, a que corresponde o vencimento mensal de 550$00.

Os candidatos devem apresentar os respectivos requerimentos instruidos com os documentos legais, dentro do referido prazo.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 18 de Agosto de 1939.

O Presidente da Câmara,

(a) *Lourenço Simões Peixinho*

Ver a 4.ª página

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro		Linha do Vale do Vouga	
Partidas para o Norte	**Partidas para o Sul**	**Partidas**	**Chegadas**
5,41 tram.	7,56 tram. *Fig.*	7,57	10,15
5,27 correio	9,40 rápido		
7,15 tram.	10,59 correio		
10,22 »	13,40 tram. *Fig.*	13,45	17,56
12,56 rápido	16,19 tram.		
13,43 tram.	19,29 rápido	18,38	22,54
16,58 »	21,48 tram.		
18,04 correio	0,31 correio		
21,09 tram.			
22,27 rápido			

Do Pôrto chegam tram. às 19,05 e às 20,51, que não seguem.

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Por êste Juízo, 1.ª Vara e 1.ª Secção, chefe Cristo, correm seus termos uns autos de execução por custas e selos, em que é exequente o Ministério Público e executado Carlos Imaginário, casado, proprietário, da Lagoa de Ilhavo, por apenso à acção ordinária cível, em que êste é autor, e réus Marcelino Vidal e mulher, negociantes, residentes em Aveiro; e nos mesmos autos correm editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os herdeiros dos falecidos crédores inscritos Francisco dos Santos Barreto, que foi casado, proprietário, de Ilhavo, e José Domingos Largo Imaginário, divorciado, proprietário, da Vista-Alegre, como incertos, para assistirem a todos os termos, até final, da referida execução por custas.

Aveiro, 15 de Julho de 1939.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

A. Fontes

O escrivão,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Editos de 40 dias

1.ª publicação

Por êste Juízo de Direito, 1.ª Vara, 1.ª Secção, correm editos de 40 dias, a contar da 2.ª e última publicação dêste anúncio, citando os incertos para a acção para reforma de títulos de crédito mercantil perdidos, nos termos do artigo 151 do Código do Processo Comercial, com referência ao artigo 484 do Código Comercial, requerida por Dona Maria da Glória Pereira Peixinho, viúva, doméstica, residente em Aveiro, e seu filho João Eugénio Pereira Peixinho, casado, proprietário, residente em Lisboa, contra a União Eléctrica Portuguesa, Sociedade Anónima, com séde no Porto, e para assistirem à conferência a que se refere o artigo 152 do dito Código do Processo Comercial, e que há de ter lugar no dia 15 do próximo mês de Novembro, pelas 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da Rèpublica desta cidade de Aveiro, apresentando nessa ocasião quaisquer escritos que tiverem, relativos aos títulos perdidos, que são 50 acções da União Eléctrica Portuguesa, Sociedade Anónima, com séde no Porto, em 6 títulos de 5 acções cada um, com os números 8.471 a 8.5 0, e em 2 títulos de 10 acções cada um com os números 19.161 a 19.180, sendo êsses títulos nominativos e de 100$00 cada acção.

Por êste meio se convida ainda qualquer pessoa que tenha achado os referidos títulos a vir apresentá-los em Juízo.

Aveiro, 31 de Julho de 1939.

O Chefe da Secção

Júlio Homem de Carvalho Crist

Verifiquei

O Juiz de Direito

A. Fontes

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Por êste Juízo, 1.ª Vara e 1.ª Secção, chefe Cristo, correm seus termos uns autos de execução por custas e selos, em que é exequente o Ministério Público e executados Joaquim Fernandes da Cruz, solteiro, lavrador, de São Bernardo, e Carlos Imaginário, viúvo, proprietário, de Ilhavo, o qual actualmente é novamente casado, por apenso à acção sumária comercial, em que é autora Rosa Fidalga, viúva, doméstica, de Ilhavo, e réus os executados; e nos mesmos autos correm editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os herdeiros dos falecidos crédores inscritos Francisco dos Santos Barreto, que foi casado, proprietário, de Ilhavo, e José Domingos Largo Imaginário, que foi divorciado, proprietário, da Vista Alegre, como incertos, para assistirem a todos os termos, até final, da referida execução por custas e selos.

Aveiro, 15 de Julho de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

A. Fontes

O escrivão,

Julio Homem de Carvalho Cristo

A FECHAR

— Então, Soares, ganhas alguma coisa com o trombone?

— Oh! se ganho! Êste mês já habitei quatro casas e recebo, em geral, 200$00 de cada vez que mudo.